

## **A natureza sob a ótica das crianças: uma pesquisa com fotografias**

*The nature from the point of view of children: a research with photographs.*

*La naturaleza en la perspectiva de los niños una investigación con fotografías*

### **Sandra Fagionato-Ruffino**

Professora Doutora, Prefeitura Municipal de São Carlos, Brasil  
fagionato.sandra@gmail.com

### **Carolina Rodrigues de Souza**

Professora Doutora, UFSCar, Brasil  
carolinasouza@ufscar.br

**RESUMO**

Este trabalho dialoga com as discussões sobre o uso da fotografia como recurso para a educação ambiental (EA). Objetiva analisar as produções fotográficas de crianças de 4 e 5 anos que participaram da atividade "A natureza sob a ótica da criança". O projeto propõe a exploração de uma trilha em área de cerrado, disponibilizando às crianças diferentes equipamentos fotográficos, sem nenhum tipo de interpretação ambiental por parte dos adultos, diferente do que ocorre habitualmente nas trilhas em EA. As imagens geradas na visita foram analisadas e categorizadas buscando identificar para onde estão direcionados os olhares das crianças ao percorrem uma trilha com câmeras fotográficas nas mãos. Foi possível verificar que o uso de fotografias realizadas por crianças da educação infantil pode ser um recurso fecundo para ampliar a relação criança-natureza, e ao mesmo tempo conduzir o seu olhar para buscar elementos representativos do ambiente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia, Crianças, Educação Ambiental

**SUMMARY**

This paper discusses the discussions about the use of photography as a resource for environmental education (EA). It aims to analyze the photographic productions of 4 and 5 year old children, who participated in the activity "Nature from the perspective of the child". The project proposes the exploration of a trail in a cerrado area, providing children with different photographic equipment, without any kind of environmental interpretation, as usually occurs on EA trails. The images generated in the visit were analyzed and categorized, trying to identify where the children's eyes are directed when they walk a trail with cameras in their hands. It was possible to verify that the use of photographs taken by children in early childhood education can be a fruitful resource to broaden the relation between child and nature, and at the same time, to look for elements that are representative of the environment.

**KEYWORDS:** Photography, Children, Environmental Education

**RESUMEN**

Este trabajo dialoga con las discusiones sobre el uso de la fotografía como recurso para la educación ambiental (EA). Objetivo analizar las producciones fotográficas de niños de 4 y 5 años, que participaron en la actividad "La naturaleza bajo la óptica del niño". El proyecto propone la exploración de una pista en área de cerrado, ofreciendo a los niños diferentes equipos fotográficos, sin ningún tipo de interpretación ambiental, como habitualmente ocurre en las pistas en EA. Las imágenes generadas en la visita, fueron analizadas y categorizadas, buscando identificar hacia dónde están dirigidas las miradas de los niños al recorrer una pista con cámaras fotográficas en las manos. Es posible verificar que el uso de fotografías realizadas por niños de la educación infantil, puede ser un recurso fecundo para ampliar la relación niño-naturaleza, y al mismo tiempo conducir su mirada para buscar elementos representativos del ambiente.

**PALABRAS CLAVE:** Fotografía, Niños, Educación Ambiental

## 1. FOTOGRAFIA, CRIANÇA E NATUREZA

As fotografias há tempos fazem parte de nossas vidas, seja como registros familiares (álbuns de casamentos, de viagens, do crescimento das crianças), nas notícias de jornal, nas revistas, em documentos científicos e hoje, com o advento dos telefones celulares com múltiplas funções, tudo é motivo para um registro fotográfico e sua disponibilização torna-se instantânea. O fato é que a fotografia de alguma forma e, em certa medida, tem o poder de despertar os sentidos; ela mexe com quem a vê e ela sempre incita a um sentimento seja ele de incômodo, comoção, desejo, prazer, dúvida, saudosismo e/ou curiosidade.

Graças a esta capacidade de provocar sentimentos, encontramos o uso de fotografias em campanhas preservacionistas, como por exemplo, as diversas fotografias de animais e paisagens usadas por ONGs e instituições governamentais, com o intuito de sensibilizar o receptor para uma causa. Tem sido utilizada também em trabalhos voltados para a educação ambiental (EA) com diferentes objetivos: como contribuição para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e atuantes (SILVEIRA e ALVES, 2008), como mecanismo para a identificação da percepção ambiental (MORAIS, 2004) e sensibilização (GOMES e MARCOMIN, 2016); e como contribuição no aprendizado de alunos do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA) (BORGES, ARANHA E SABINO, 2010).

Borges, Aranha e Sabino (2010), apontam a fotografia como uma opção à carência de materiais para o desenvolvimento da EA, já que pode “sensibilizar, com a beleza de seus componentes, e ensinar por meio das informações contidas nela ou que podemos extrair do seu conteúdo” (p. 150).

Neste contexto, este trabalho visa contribuir com as discussões que utilizam a fotografia como recurso para a educação ambiental. Propõe-se a analisar fotografias produzidas por crianças de 4 e 5 anos, que participaram da atividade de extensão intitulada “A natureza sob a ótica da criança”, em visita ao cerrado. Trata-se de um trabalho que utiliza uma trilha em área de cerrado, porém, diferentemente do uso habitual das trilhas em EA, sem nenhum tipo de interpretação ambiental por parte dos adultos. As crianças foram convidadas a conhecer e explorar a trilha apenas disponibilizando de equipamentos fotográficos. As imagens geradas na visita são analisadas nesse trabalho, buscando identificar para onde estão direcionados os olhares das crianças ao percorrerem uma trilha e para onde suas mãos apontam a câmera fotográfica.

O uso da fotografia se justifica na busca pelo olhar da criança. É uma metáfora subjetiva para refletirmos como as crianças leem o mundo. Conforme esclarece Luttrell (2010), o uso da fotografia, como meio de captação do que a criança quer representar, é um instrumento midiático muito rico de exploração e de expressão. Dar a câmera fotográfica nas mãos das crianças é torná-las participativas em relação ao que está posto, na possibilidade de confrontar os discursos e comportamentos e, portanto, como protagonista desta experiência.

A autora aposta que a fotografia, em conjunto com a narrativa, tem o papel de redirecionar, contestar e destravar o olhar, promovendo a possibilidade de alerta para a instituição e para todos os adultos envolvidos no processo de socialização dessa criança co-construtora de

cultura.

Dessa forma, a fotografia nesta pesquisa é um meio de estranhar o conhecido e familiarizar-se com o desconhecido, o marginalizado, como é a prática de ouvir as vozes das crianças dentro de um espaço coletivo de educação infantil. Por meio das imagens fotográficas, as crianças podem exercer o poder da voz em um diálogo cultural e social, colocando assim, suas ideias, ações e desapontamento em relação ao que está posto. Essa perspectiva se faz necessário quando compreendemos que a lógica da criança difere da do adulto e nem sempre possuem o mesmo ponto de vista sobre determinado assunto; nem sempre o que falam tem a coerência de uma fala adulta, mas, no entanto, tem o valor de diálogo e de denúncia.

A fotografia é, portanto, um instrumento que facilita a comunicação das crianças, sendo o pesquisador um mediador dessa comunicação, possibilitando uma “ampliação da compreensão não só das diferenças, mas também das semelhanças entre adultos e crianças.” (LÉVIS-STRAUS, 1982<sup>1</sup> apud ROCHA 2008, p. 46).

Dessa forma, o alvo dessa proposta metodológica é utilizar as representações das crianças como documento para análise, como forma de melhorar os conhecimentos sobre as crianças, sobre o uso de fotografia como recurso para a EA e sobre a relação criança-natureza.

## 2. PERCURSOS TRILHADOS

Luttrell (2010) explica que o uso de câmeras fotográficas como proposta metodológica partiu da premissa que existem várias significações ou intenções em qualquer imagem e que as crianças quando fotografam tem intenções deliberadas para representar a si, os outros e os espaços. Como nos coloca Mauad (2005, p. 136) “há de se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada, num conjunto de escolhas possíveis, guardando nessa atitude uma relação estreita com a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz o clique”, mas por outro lado, conforme destaca Leite, em entrevista<sup>2</sup> a Giovana Botti (2014), não podemos nos esquecer que nem sempre existe intencionalidade no ato de clicar da criança; assim poderíamos dizer que as fotografias das crianças são resultados de ações que partem de uma decisão, porém nem sempre com uma intencionalidade. Outro destaque importante que devemos fazer no caso da utilização de fotografias feitas por crianças tem relação com o papel do autor já que

o grau de controle da técnica e das estéticas fotográficas variará na mesma proporção dos objetivos estabelecidos para a imagem final. Ainda assim, o controle de uma câmara fotográfica impõe uma competência mínima, por parte do autor, ligada fundamentalmente à manipulação de códigos convencionalizados social e historicamente

---

<sup>1</sup> Lévi-Strauss, Claude, 1908- L644e As Estruturas elementares do parentesco; tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982. 540p.

<sup>2</sup> Disponível em <http://comkids.com.br/criancas-na-producao-de-imagens/>

para a produção de uma imagem possível de ser compreendida. (MAUAD, 1996. P. 8)

Para a produção das fotos foram utilizados celulares, câmeras fotográficas, tablets e em uma das turmas um relógio, com recurso de fazer fotos. A fim de conhecerem os equipamentos com os quais iriam trabalhar, antes da saída a campo, as crianças de uma das turmas manipularam os equipamentos junto à professora responsável. Já na trilha, os equipamentos eram compartilhados entre as crianças, não sendo possível identificar a autoria de cada imagem.

De acordo com Gomes (1996<sup>3</sup> apud BORGES, ARANHA E SABINO, 2010) “ao registrar a experiência, a imagem fotográfica pode provocar novas percepções, produzir a subjetividade inerente ao ato de olhar e imortalizar o fato e o espaço captados, contextualizando-os.” Para ele, “fotografar é uma forma de expressão, o “congelamento” de uma situação e seu espaço físico inserido na subjetividade de um realismo virtual.”. Neste sentido, enquanto percorriam a trilha, as crianças não receberam dos adultos nenhuma interpretação do ambiente, diferentemente do que é feito corriqueiramente ao se percorrer trilhas. O que se esperava era obter, por meio das fotos geradas, a percepção das crianças sobre aquele ambiente.

Finalizada a trilha, os equipamentos foram recolhidos para organização das imagens e em momento subsequente apresentadas às crianças para análise coletiva. Com base nas falas que surgiram entre as crianças e na percepção das pesquisadoras, as imagens foram categorizadas e analisadas de forma a buscar identificar para onde as crianças direcionavam o olhar durante o caminhar no cerrado.

Ao fazer a interpretação e categorização das imagens, ainda que tomando como base a observação dos comportamentos das crianças durante o ato de fotografar e, as conversas no momento da análise coletiva das fotos, temos claro que trata-se de uma interpretação influenciada pelas nossas concepções ou como nos coloca Rodrigues, 2017 (p. 71), por todo o nosso aparato cognitivo, cultural, ideológico, religioso, político etc.

Interessa-nos neste trabalho a fotografia como produto, ou como nos coloca Mauad (2005, p. 135) :

a imagem consubstanciada em matéria, a capacidade da imagem potencializar a matéria em si mesma, como objetivação de trabalho humano, resultado do processo de produção de sentido e relação sociais. Compreendida como resultante de uma relação entre sujeitos, a imagem visual engendra uma capacidade narrativa que se processa numa dada temporalidade. Estabelece, assim, um diálogo de sentidos com outras referências culturais de caráter verbal e não-verbal. As imagens nos contam histórias (fatos/acontecimentos), atualizam memórias, inventam vivências, imaginam a história.

---

<sup>3</sup> GOMES, P. Da escrita a imagem: da fotografia à subjetividade. 1996. 62f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

Mas sem perder de vista o processo, pois segundo Dubois (1994, p. 16 apud Castro, 2012 p. 59) em se tratando da originalidade da imagem ele é fundamental e devemos considerar desde as

modalidades técnicas de constituição da imagem (a impressão luminosa), mas igualmente, por uma extensão progressiva, do conjunto dos dados que definem, em todos os níveis, a relação desta com sua situação referencial, tanto no momento da produção (relação com o referente e com o sujeito-operador: o gesto do olhar sobre o objeto: o momento da 'tomada') quanto no da recepção (relação com o sujeito espectador: o gesto do olhar sobre o signo: o momento da retomada – da surpresa ou do equívoco).

Para Luttrell (2010), o que se pretende nesse método de estudo não é pesquisar as causalidades, mas buscar um novo olhar sobre pesquisa com crianças. Buscar um olhar transparente, de estranheza para poder enxergar o que não é visível cotidianamente.

Ao pesquisar com crianças, levando em consideração sua análise narrativa estamos expandindo as possibilidades de um novo olhar para as concepções de crianças e infância, indo ao encontro do proposto pela Sociologia da Infância. De acordo com Leite (2012), buscando um olhar infantil, destravado, com uma abertura para o novo, para outros sentidos, para outra maneira de ver as imagens das crianças.

### **3. COM A CÂMERA NAS MÃOS, QUE CERRADO REGISTRAM AS CRIANÇAS?**

Foram analisadas um total de 396<sup>5</sup> fotos sendo categorizadas como fotos do chão, da paisagem, de pessoas (sendo de si próprias no caso dos selfs, realizados nos tabletes, especialmente em um deles que não possuía o recurso de inverter a foto; dos amigos e dos adultos participantes), do estrato herbáceo, do céu, de roupas e acessórios, como chapéu e de elementos não naturais (cadeira que havia ao final do percurso). Fotos tremidas e com dedos foram categorizadas como não identificadas (quadro 1.).

Chamamos de paisagem, as fotos tomadas de certa distância dos elementos, paralelo ao corpo e que não continham pessoas. As fotos de céu/topo não necessariamente representavam apenas o céu, mas frequentemente o topo das árvores e foram assim categorizadas por representar fotos apontadas para cima e cujo céu aparecia. As fotos do estrato herbáceo eram aquelas que apontavam para baixo, na direção de alguma planta, mas não exatamente para o chão.

#### **Quadro 1 – Categorização das fotos**

---

<sup>4</sup> DUBOIS, Phillipe. O Ato Fotográfico e outros Ensaio. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1994.

<sup>5</sup> Outras 70 fotos foram feitas na turma de 4 anos em uma câmera que foi derrubada e danificada durante a visita e por este motivo foi retirada da análise.

Categorização	Quantidade de fotos por turma		Total de fotos
	5 anos	4 anos	
Chão	54	74	128
Paisagem	25	47	72
Pessoas	48	23	71
Herbáceo	31	18	49
Céu/topo	16	23	39
Não identificadas	12	9	21
Roupas e acessórios	5	8	13
Não natureza	3	0	3
<b>Total</b>	<b>194</b>	<b>202</b>	<b>396</b>

Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras.

As fotos do chão (figuras 1 e 2) chamam a atenção por serem a maioria. Das 128 fotos de chão feitas pelas crianças, 42 (33%) eram de tocas de animais, sendo a maioria feitas pelas crianças de 5 anos.

Figuras 1 e 2: Fotos de chão feitas respectivamente por crianças da turma de 4 e 5 anos.



Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras.

As demais categorias mais representativas são as que encontram-se no campo de visão das crianças: paisagem, pessoas e estrato herbáceo (figuras 3, 4 e 5, respectivamente).

A grande quantidade de fotos da paisagem (figura 6) nos dá indícios de que, enquanto faziam os cliques, as crianças olhavam não apenas para os elementos (chão, planta, toca de animal, árvore) mas também para o ambiente como um todo, buscando fazer um retrato daquilo que é o cerrado para quem vê de longe.

Figuras 3, 4 e 5: Fotos de paisagem, pessoas e estrato herbáceo feitas por crianças da turma de 5 anos.



Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras.

Figura 6: Foto do urubu, tirada por uma criança da turma de 4 anos.



Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras.

A categoria pessoas é bastante representativa e constituída, em sua maioria, por fotos dos amigos, em alguns casos, deles manipulando os equipamentos (figura 4), fazendo poses e em outros caminhando à frente.

Percebe-se que olhar para o alto é o enquadramento mais difícil para as crianças. Na turma de 5 anos as fotos do céu/topo (figura 7) foram feitas em sua maioria com um dos tablets, cujo recurso de câmera era apenas para selfs e do relógio: ambos facilitando a tomada de imagens do céu pela forma pela qual estes eram manipulados pelas crianças. Das três máquinas fotográficas utilizadas nesta turma, apenas em uma delas foi encontrada uma foto, com este tipo de enquadramento. Por outro lado, é na turma de 4 anos que aparece a maioria das fotos de céu e não foram tiradas no tablete, pois ele não foi utilizado nesta turma. O que levou-os a fazer fotos com este enquadramento foi o fato de uma das adultas que acompanhavam a visita, ter chamado a atenção para uma ave no alto de uma árvore durante o caminhar pela trilha (figura 6).



Figura 7: Foto de céu/topo feita por criança da turma de 5 anos



Fonte: Acervo pessoal das pesquisadoras.

Chama-nos atenção ainda a pouca quantidade de fotos não identificadas ou de roupas e acessórios. Talvez as crianças, nessa faixa etária, já possuem maior destreza para uso dos equipamentos, diminuindo a quantidade de fotos não desejadas, tremidas e sem querer. Tal percepção se confirma, especialmente se considerarmos que uma das turmas não utilizou o material antes da visita à trilha e, portanto aprenderam a usar o equipamento durante a visita. Apesar de algumas fotos ainda conterem parte dos dedos, estes não impediam a sua visualização.

A categoria roupas e acessórios é a que apresenta a menor quantidade de fotos feitas e, em vários casos, podem ter sido feitas por disparos ocasionais das câmeras; em outros casos, como no exemplo do bonequinho presente no chapéu (figura 9), a intenção fora realmente retratar o objeto em questão.

Figuras 8 e 9: Fotos de roupas e acessórios feitas por crianças da turma de 5 anos.



Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises realizadas pudemos identificar que as fotos das crianças retratam exatamente o que foi a visita: um momento de caminhada, em área natural, junto dos amigos e adultos (professoras e pesquisadoras), cujas mãos estavam atentas a registrar o que se via bem como aquilo que os amigos viam e comentavam.

A cada novo achado, novos e muitos cliques surgiam: uma mesma toca de animal, por exemplo, era registrada por várias crianças. Como detetives, com a câmera nas mãos, tal qual um detetive com uma lupa, buscavam pistas no chão: folhas, tocas, formigas, galhos, capim. Em alguns momentos, graças a um comentário, o olhar se dirigia para o alto.

E com tantas miradas, e tão pouca interferência dos adultos, podemos dizer que o uso de fotografias por crianças da educação infantil pode ser um recurso fecundo para ampliar a relação criança-natureza, e ao mesmo tempo conduzir o seu olhar para buscar elementos representativos do ambiente, já que por meio das fotos as crianças conseguiram retratar bem o ambiente visitado: uma área de cerrado fortemente antropizada. Por meio das fotografias as crianças conseguiram registrar os diferentes estratos da vegetação de cerrado, podendo por meio delas, fazer a caracterização do ambiente.

Com relação à experiência de possibilitar às crianças a exploração de um ambiente fazendo uso de câmeras fotográficas podemos tecer algumas considerações sobre a relação criança-natureza destacando que as crianças, em coletividade, são capazes de observar peculiaridades desta natureza, indo do micro ao macro e compondo um retrato desta natureza, não uma natureza distante, isolada, mas uma natureza que engloba inclusive a elas próprias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Jesualdo de Almeida. **Imagens da memória tecno-socializada**: O Orkut como espaço de territorialização simbólica 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgcom/files/2013/08/DE-ALMEIDA-CASTRO-Jesualdo.-Imagens-da-mem%C3%B3ria-tecno-socializada-O-Orkut-como-esp%C3%A7o-de-territorializa%C3%A7%C3%A3o-simb%C3%B3lica.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

BORGES, Marília Dammski; ARANHA, José Marcelo; SABINO, José. **A fotografia de natureza como instrumento para Educação Ambiental**. *Ciência & Educação*, v. 16, n. 1, p. 149-161, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v16n1/v16n1a09>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

BOTTI, Giovana; Crianças na produção de imagens. In: *ComKids*, 2014. Disponível em: <<http://comkids.com.br/criancas-na-producao-de-imagens/>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

GOMES, Bianca Antonio e MARCONIN Fatima Elizabeti. **A questão ambiental e a imagem fotográfica: uma articulação possível à sensibilização ambiental**. In: Reunião científica regional da Anped. Educação, Movimentos sociais e políticas governamentais. 24 a 27 de julho de 2016, Curitiba: UFPR. Disponível em: <[http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo17\\_BIANCA-ANTONIO-GOMES-FATIMA-ELIZABETI-MARCOMIN.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo17_BIANCA-ANTONIO-GOMES-FATIMA-ELIZABETI-MARCOMIN.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2017.

LEITE, Donizete Pereira. **O que podem as imagens? experiências imagéticas com crianças e professoras**. [Filme]. Imagem. Edição de João Paulo Miranda Maria. Apoio Unesp/FAPESP. Secretaria Municipal de Educação. Rio Claro, SP. kinoOlho, 2012. Versão longa. 23:09min. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/19451#.U8zreqzfpD4.facebook>>. Acesso em: 18 de jun. 2017.

LUTTRELL, Wendy. T 'A camera is a big responsibility': a lens for analysing children's visual voices. **Visual Studies**, v. 25, n. 3, p. 224-237, 2010. Disponível em: <<http://www.wendyluttrell.org/files/2012/09/Luttrell-A-Camera-Is-A-Big-Responsibility.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Annals of Museu Paulista**. vol.13 n.1, p.133-174, São Paulo Jan./June 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142005000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000100005)>. Acesso em: 18 de jun. 2017.

MORAIS, Flávia Maria Rossi de. **Educação e fotografia contribuições à percepção de problemas ambientais**. 2004. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004. doi:10.11606/D.11.2004.tde-05102007-110259. Acesso em: 23 jun. 2017.

ROCHA, Eloisa A.Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões pra um debate científico multidisciplinar. IN: CRUZ, Sílvia H. V. **A criança fala**: a escuta de crianças e pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008, p.43-51.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.

SILVEIRA, Larissa Souza da e ALVEZ, Josineide Vieira. O Uso da Fotografia na Educação Ambiental: Tecendo Considerações. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 3, n. 2 – pp. 125-146, 2008.